

EXPLICAÇÕES NECESSARIAS DO HOMEM DA ESPADA DE PAU AO ARCANJO DA ESPADA DUM RELAMPAGO

MEU QUERIDO ARCANJO SONHADOR:



SUA Carta põe os pontos nos *ii* duma duvida velha: não somos um rouxinol e um peixe, como julgara: somos um homem e um Arcanjo, como insinua o meu amigo. Vá lá isso!

Pois, bondoso e arcangelical amigo: contra todos os meus projectos tenho de voltar ás nossas cartas, por haver, entre os seus caprichos de imaginação, alguns que deixados sem resposta poderiam dificultar a compreensão do que vou expôr na ultima parte (desta *Águia* e das futuras) sobre o sistema de educação que proponho ao nosso povo. Tomarei por ideal o estilo telegráfico.

Primeiro ponto: porque levam as tendencias saudosistas (sentimentais, contemplativas, horrorizando a «materia») a mocidade ao bacharelismo, á secretaria, ao comunarismo? Não se faz mister o citar a opinião unânime dos pedagogos: o simples senso vulgar não ignora que a educação sentimental cria o desafecto á iniciativa, aos contratempos e necessidades dos negocios, aos esforços e decisões de todos os instantes que as profissões usuais (1) exigem, principalmente quando exercidas á moderna, anti-rotineiramente. A educação sentimental só permite quatro estradas: a fortuna herdada, o casório rico, as profissões liberais, o funcionalismo. Em tudo um sentimental puro é um contemplativo, um devaneadôr, ou um palrador e remexido, como a mosca de Lafontaine: nunca um disciplinador, concentrador e canalizador de energias uteis; pode revolucionar e abater muita coisa, mas nunca constroi coisa de geito. O bacharelismo é uma má orientação profissional, improdutiva, ligada a uma má educação da vontade: não tem relação alguma com a falta de estudos «lusitanos». Ha bacharelismo na Russia, na Espanha, no Brasil; ha bacharelismo em toda parte onde falta iniciativa e energia *produtora*: o bacharel é mesmo frequentemente patrioteiro e chauvinista. Se quer livros, comece por «A que se prende a superioridade dos Anglo-Saxões», de Edmundo Demolins, «A Educação Nova», do mesmo autor, «As três formas essenciaes da educação», de Paulo Descamps. Por emquanto estes bastam.

Sonhou o Pascoais que eu atribui «a actual prosperidade da

(1) Esta expressão opõe-se a profissões *liberais*; designa as da industria (cultura, fabricação) e do commercio.

França á distribuição pelos camponêses das terras da nobrêza (até aqui está certo), á *identificação da sociedade com o Estado*, etc., como se tudo isso não fosse (segundo o meu poeta) o produto real dum sonho anterior, o sonho que animou os escritores do seculo XVIII.» A questão das terras está certa, mas a segunda é precisamente o contrario do que eu disse: apresentei tal identificação como um obstaculo ao progresso, e não como estimulante. Vejo-me obrigado a chamar para isto a atenção dos meus leitores, porque a absorpção da sociedade pelo Estado é um dos males a combater na nossa terra. Aliás, por ser muito ruim a minha prosa, o facto de lê-la sem atenção demonstra, pelo menos, o bom gôsto do meu amigo. Pelo que toca ao resto da sua frase, todos sabem que a venda aos camponêses das terras da nobreza emigrada foi um expediente imposto pelas circunstancias, e que não teve nada a vêr com os sonhos dos escritores. A sua fantasia de poeta, quando escreve sobre historia, é que é uma gentil criancinha que dorme e sonha: — sonhos maravilhosos de criancinha...

Desta forma sonhou que «o que é verdadeiro em França pode ser mentira em Portugal»; que «se concorreu a distribuição da terra para a prosperidade da França, na Grã-Bretanha aconteceu precisamente o contrario». Valha-nos Deus, meu poeta: sempre sonhos, devaneios, caprichos, fantasias... Não, não é nada disso... As leis da economia social teem valor para todos os povos; acreditar o contrario é o mesmo que presumir sêr a hygiene individual — o ar livre, a luz, a alimentação natural, o exercicio, etc., — muito util para os Joões e os Franciscos, mas muito pernicioso para os Antonios e os Josés... Desçamos a este mundo. Aqui está o que aconteceu:

A terra era possuida em França por senhores que andavam na côrte, que a não cultivavam. Exactamente o contrario na Inglaterra: solo possuido pela população rural, que o cultivava, a ponto de fazer dele o maior mimo de cultura que a Europa jamais viu. A aristocracia inglêsa era uma aristocracia rural, não uma aristocracia de salameques e de «fieis vassallos»: não se conhecia em Inglaterra o «todos del-rei» tão português. Um dos documentos para esta comparação é a viagem de Young em França, de que Taine se aproveitou nas «Origens da França Contemporanea». Já adivinhou o Pascoais que em França, uma vez possuida a terra pela gente camponêsa, passou ela a sêr cultivada. É' este o ponto capital: terra cultivada ou não cultivada. Tudo que suscita a cultura é bom, e tudo que estorva a cultura é mau, em todos os territorios e todas as nações. Neste ponto uma citação de Boutmy: «O sistema de grande propriedade aristocratica que se observa *hoje* em Inglaterra não foi de forma alguma herdado da Idade-média: é *uma criação do seculo passado*» (XVIII). («O desenvolvimento da Constituição em Inglaterra», 515). (1)

(1) A leitura desta mesma obra lhe faria saber porque é que o morgadio não produziu na Inglaterra até esse século, accumulção de propriedade. Safu o livro em 1877: «seculo passado» é pois o XVIII.

Ora esta recente criação foi um mal; não logo tão grande como seria em França, por dois motivos: 1.º, a aristocracia inglêsa não tinha os maus hábitos sociais da francêsa; 2.º, a Inglaterra possuía outras terras, onde continuou a agricultar, sustentando a industria da mãe-patria: as colonias. Apesar disto não deixou a novidade de ser um mal. Os mesmos erros sociais produzem em todos os povos os mesmos efeitos; mais depressa nos de menos força resistente; mais devagar nos organismos sociais mais robustos:—o mesmo succede com os individuos. Para remediar os efeitos dêste mal, de que a Inglaterra sofre agora como outrora sofreu a França, é que Lloyd George hoje em dia empreendeu a sua legislação sobre a terra: o que ele hoje pretende fazer a bem da Inglaterra é aquilo mesmo que já fez bem á França, pois o que hoje faz mal á Inglaterra é aquilo mesmo que já fez mal á França. Em resumo: até ao fim do seculo XVIII a França esteve num mau sistema, que lhe fez mal; a Inglaterra tinha o sistema contrario, que lhe fez bem; do seculo XVIII em diante reciprocaram-se os papeis: a França dá-se bem com o antigo bom processo da Inglaterra, a Inglaterra dá-se mal tomando o mau processo da França antiga. No seculo XX a Inglaterra, com Lloyd George, pensa em voltar ao seu antigo sistema, que lhe fez bem a ela e á vizinha. Foi o meu amigo que escolheu o exemplo, e como vê, ele é eloquente—da eloquencia saudavel das ideas claras, oposta á eloquencia anestesiante dos palavriados obscuros. Se consegui falar tão nitidamente como penso, o proprio Capricho em pessoa concluiria que a mesma orientação salutar fez bem aos dois países, e a mesma orientação viciosa fez mal aos dois países; que as regras da economia social são igualmente applicaveis a todos os povos e sociedades. E' claro que se o meu poeta sonhar agora, por exemplo, que o Lloyd George não existe, que a revolução francêsa foi no seculo III antes de Cristo, que o viajante Young era zarólho,—lá terei eu de recommençar a historia em todos os numeros da nossa *Águia*, para lhe demonstrar que o homenzinho existe, que a revolução francêsa foi no século XVIII, e tudo mais que lhe aprouver.

Ao sonho seguinte evapora-o a simples cronologia. Sonhou o meu poeta que o movimento místico italiano foi obra de um só homem, S. Francisco de Assis; mas eu e os seus leitores sabemos muito bem que S. Francisco não foi o iniciador, não foi o ponto de partida, mas o ponto de chegada dêsse grande movimento; S. Francisco (o mais popular dos santos italianos, como diz Villari, o santo nacional por excelencia) é a flôr, de que a raiz, o tronco, a seiva, é o esto de misticismo italiano *que o precedeu*. Que o precedeu, Pascoais, que o precedeu! (1) Que o precedeu e o suscitou! Muitas faculdades milagreas lhe atribuem, mas não o efeito rêtro-activo; fez milagres mas depois de nascer: antes de nascer, nem o próprio Cristo! Sobre este longo movimento que culminou no santo escreveu

(1) Ainda quando assim não fôra, é sabido que um homem só consegue produzir um grande movimento popular quando vibra em unisono com o sentimento do seu povo.

Gebhart um livro ameníssimo que se chama, não «S. Francisco de Assis», mas *A Italia mistica*: aí veria como o povo italiano deu o solo e a atmosfera àquele lírio cristianíssimo; o povo italiano que foi para a obra, empregando palavras de Renan, «*l'inspirateur, le collaborateur, l'appréciateur*». (1) «Après le christianisme, diz ainda Renan, le mouvement franciscain est la plus grande *oeuvre populaire* dont l'histoire se souvienne.» (2)

Como sabe, um dos mais célebres historiadores de S. Francisco de Assis é Paulo Sabatier. Vou arrancar á sua «Historia de S. Francisco de Assis» (1894) algumas citações:

«Si l'on cherche les origines de ses idées (de S. Francisco) on les trouve exclusivement parmi le peuple de son temps, et c'est pour cela *qu'il incarne l'âme italienne* au commencement du XIII.^{ème} siècle... Il était du peuple et le peuple se reconnût en lui.» (*Introduction*, ix)

O capitulo iv desta obra, que trata dos factos sucedidos *antes* de «a luz se fazer nas trevas do seu espirito», como dizia S. Francisco, começa desta forma: «les biographies de S. François nous ont conservé un trait qui montre *comment la fermentation religieuse était grande*, jusque dans la petite ville d'Assis» (p. 60). A fermentação religiosa era grande, até na pequena cidade de Assis, *antes* da crise religiosa de Francisco...

Antes de S. Francisco não houve sòmente uma intensa e prolongada vibração anónima: individualidades eminentes se haviam erguido nessa atmosfera saturada de misticismo, entre as quais Joaquim de Flora, do qual nos diz Sabatier: «Jochain de Flore forme le dernier anneau d'une suite de moines prophètes *qui se succédèrent durant près de quatre cents ans*... Ses idées, répandues ça et là par des disciples enthousiastes, germèrent sans bruit dans les coeurs» (pag. 52). Veja o que fez S. Francisco, durante quatro séculos, *antes de nascêr!*

Como vê, participam da minha «teima» Renan, Villari, Gebhart, Sabatier. Participa toda a gente, menos o Saudosismo, que sonhou e decretou o contrário. Participa a propria cronologia. O Saudosismo, como a personagem de Molière, *a changé tout cela*: decretou que os tempos de *depois* vieram *antes*, que os predecessores e precedentes foram sucessores e consequentes. Todo o Saudosismo é uma série de sonhos decretados pelo meu amigo: o que o caracteriza, ao Saudosismo, é a audacia de olhos puros, o santo descaramento da invenção. *Hay que comprimirse!* Porquê inventar em coisas tão sabidas como a vida de S. Francisco, a revolução francesa, ou a propriedade rural em Inglaterra?

Eu reconheço que é por virtude, por bondade, por amor á sua terra que o meu amigo tudo inventa. Respeito e admiro a sua paixão; sòmente o quisera convencer de que erra supondo as invenções necessárias e prestimosas. Cumpre aceitar a *realidade, inteira*, e estu-

(1) *Nouvelles études d'histoire religieuse; S. Fr. d'Assise*, pag. 341.

(2) *Ibid.*

dá-la carinhosamente sob *todas* as suas formas; de nada serve mutilá-la:

«Willst du ins Unendliche schreiten,
Geh' nur im Endlichen nach allen Seiten».

Carlyle definiu o heroi «a bringer-back of men to reality» — um que faz voltar os homens á realidade: são esses os heróis necessários á nossa terra.

Tambem se sabe que não fomos só nós que chamámos ao Papa o bispo de Roma; que *todas* as igrejas viveram a principio separadas de Roma. (1) Ainda o Saudosismo descobrirá que uma das sublimes originalidades dos portuguezes é ter pernas, tronco, braços e cabeça. Para poder dizer que uma dada qualidade é característica dum povo, faz-se mister estudar os outros povos: simples observação que deveria varrer a «deusa», com todos os seus apêndices. Mas não varre, eu bem sei que não varre: cada vez mais vitoriosa, mais deusa, mais tonante! Sobre as conquistas, etc., não respondo, porque o meu caro se limita a requestrar uma açôrda que eu já atirei para as quimeras nos meus artigos da *Vida Portuguesa*; (2) sobre o «estranjeirismo» e o meu discurso eu o elucido num momento: diz o meu amigo que o que caracteriza a nossa decadencia é o «estranjeirismo», e esse discurso demonstra que, pelo contrario, a nossa decadencia se caracteriza pelo furioso horror ao «estranjeirismo», enquanto o periodo de ascenção foi fecundo pela assimilação da cultura estrangeira. Aqui, *como sempre*, as afirmações saudosistas são *precisamente o contrario* da realidade.

Vejo agora diante de mim estes periodos da sua carta:

«Oh! se admiro a alma inglesa! alma séria, silenciosa, profunda, nascida dum raio de luar coado pela névoa, em vagas scintilações de melancolia, sobre a agua de um lago ensombrado de arvores...» «A luz é ingenuidade, e a Côr, e o Som! A virtude é ingenuidade, e o crime é ingenuidade. O mundo é uma esfera de inocencia gravitando através da infinita inocencia do Infinito. No meio da simplicidade que nos cerca, eu só vejo uma face desiludida, êrma de inocencia, cadaverica... — e essa face é a face mortal da Lua, essa Caveira fosforecente, radiando o pavor, o mêdo e a tristeza,

(1) Fala no «meu» catolicismo; já me chamou positivista; parece que me chama agora catolico; devo declarar que não sou uma coisa nem outra, se bêm que não tenha sobre o catolicismo as ideas dos livre-pensadores portuguezes e do saudosismo. Como muitas das virtudes do catolicismo norte-americano lhe foram transmitidos pela gente norte-americana, muitos dos defeitos do catolicismo portuguez são simplesmente os da gente portuguesa. O mesmo se diria do nosso liberalismo, do nosso positivismo, etc., etc.

(2) É evidente, para quem leu o meu discurso, que eu não condeno as descobertas e a colonização, mas a maneira por que nós entendemos esta ultima. A verdadeira colonização faz-se sob a forma trabalho, e não sob a forma lambada. Ante a sua afirmativa de que navegámos para beneficiar os outros, e os holandêses para exclusivo bem das suas pessoas, pergunto a mim mesmo quem sustentou a teoria do *mare clausum* (mar fechado, só para nós) contra a teoria holandêsa do *mare liberum*:

a agoireira antevisão do Fim, nesse banquetê deslumbrante dos mundos a que preside o Rei-Sol.»

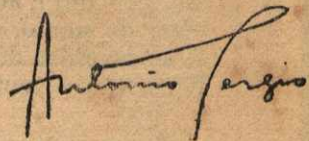
Ah, meu poeta, só agora compreendo o Evangelho de S. João: «No principio era o Verbo, e o Verbo era Deus!» E Deus transmitiu (certamente) aos Arcanjos as suas propriedades de Verbo! Agora sim, meu amigo, que me vejo obrigado a dar homem por mim! Dou o professor de poesia do «Fidalgo aprendiz», o qual, se bem me lembro, se apresenta desta forma:

Ante vossa presença jaz extático
Um culto professor de estudo crítico
A que ousam chamar humor frenético!

Esgrima contra ele a sua «espada de Arcanjo, feita dum relâmpago», que eu já meto dentro do saco o meu «pau.» Quanto á retórica de que uso, que a seu ver se substitue ao pensamento (só um saudosista me diria isto, rapazes!) tenho-a empregado com algum exito cá fóra, onde verdadeiros homens de sciencia me teem dito... Adiante: nada de imodestias! Não são as leis sociais, mas as definições da retórica que variam com as latitudes, ou melhor com as declinações e ascensões rectas, visto que o meu amigo é do céu — e felizmente da terra tambem, para ventura de todos aqueles que, como eu, o estimam e o veneram, como homem e como poeta.

Camarada e amigo

Genebra, 27 de Maio.



Por absoluta falta de espaço, só poderei responder a esta carta no proximo numero da «Águia».

TEIXEIRA DE PASCOAES.